

“Brasil, um país sem memória”¹

Cláudio Moreira Bento*

É consagrada e corrente a expressão em epígrafe. Talvez um bom disfarce, como desculpa esfarrapada de responsabilidades de Estado não cumpridas. A memória histórica de um país integra a cultura nacional. E a cultura é item de importância estratégica. E dentro da cultura sobressai, em relevância, o resgate, preservação, culto e divulgação da Memória Histórica, ou da História. Ela ajuda um povo a estudar o seu passado, para entender o presente e assim, com mais segurança e certeza, planejar o futuro de seu país. Desenvolver a Memória Histórica de um país é, portanto, responsabilidade de Estado, o que Portugal entendeu ao apoiar financeiramente, com expressivos subsídios governamentais, as atividades de sua Academia Portuguesa da História.

Nilton Freixinho, historiador e pensador, afirmou em seu artigo “A Educação dos jovens e a memória nacional”, que *“o passado só contém e representa valor quando tem algo a dizer ao presente. É o peso do passado que estrutura o inconsciente de um povo e dá-lhe consciência coletiva, como nação, gerando, rigorosamente, a âncora de sua existência e de persistência no tempo. É externo minha preocupação quanto à falta de empenho das atuais gerações de brasileiros em preservar o passado, bem como em situar o papel das entidades históricas do Brasil devotadas ao estudo, à análise, ao culto e à divulgação das lutas dos antepassados para alicerçar e forjar a nação que integram. E mais: me preocupo quando historiadores e sociólogos proclamam que o descaso para com a Memória Nacional enfraquece e ameaça a coesão nacional ou a unidade da nação, em face de pressões destrutivas, por con-*

fundir a consciência da sua real identidade e perspectiva históricas”. Há quem atribua a esta identidade e perspectiva nacional confusa o decepcionante desempenho da Seleção Brasileira, a qual faltou determinação e garra, ao contrário da Alemanha, Argentina, França, Portugal, que lutaram até o fim com esta garra e determinação e que, embora sem conquistar a Copa, foram bem recebidas em seus países, ao contrário do que ocorreu no Brasil. Coesão nacional deficiente a explicar, talvez, a evolução do crime organizado no nível absurdo de enfrentar de armas em punho o Estado em São Paulo. Ou a impunidade decorrente da corrupção. No Brasil, a atividade do historiador e afins é empreitada que enfrenta imensas dificuldades financeiras, um desafio para aqueles com vocação ou penhor para realizá-la, mesmo integrantes das diversas entidades de História, academias ou institutos em todos os níveis.

Observa-se, ainda, que, além de trabalharem com poucos recursos, são frequentes os desencontros entre eles, por vaidade e preconceitos dos mais variados, entre eles e entre as instituições, uma vez que divergem quanto ao uso do conhecimento da História.

No Brasil, as entidades que se dedicam à História são pouco valorizadas e o que realizam é fruto da abnegação e sacrifício de poucos que ainda lutam para fazer frente a manipulações da História e a mitos, dando razão a este pensamento com que nos deparamos no Museu da República, no Palácio do Catete: “Ser o passado comparável a uma enorme planície

¹ Colaboração da Academia de História Militar Terrestre do Brasil – AHTMB

* O autor é Coronel de Engenharia e de Estado-Maior, historiador e presidente da AHMTB.

onde correm dois rios. Um reto e de margens bem definidas que é o rio da História. Esta fruto da razão e da análise isenta de fontes históricas autênticas, fidedignas e íntegras, à luz de fundamentos de crítica escolhidos para a análise com o máximo de isenção. O outro é um rio cheio de curvas e meandros com margens indefinidas e instáveis e por vezes com perigosos alagamentos. Este é o rio do Mito. É este fruto das paixões humanas, das fantasias, da ignorância, do preconceito, das manipulações políticas e, em especial, das ideológicas, das deformações e da injustiça etc.,” mitos que Rui Barbosa já denunciava em seu tempo.

Assim mesmo esta tarefa relevante, que objetiva desenvolver, preservar, cultivar e divulgar a memória nacional, responsabilidade de Estado, é levada avante com poucos recursos por historiadores das diversas categorias.

Algumas instituições dedicadas à História e à Memória brasileiras sobrevivem precariamente, com recursos de alugueis, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro que, graças a empréstimo a ele concedido pela Caixa Econômica Federal, com a interveniência do então Presidente Médici, e só assim, pôde construir sua sede atual, quando era seu presidente Pedro Calmon.

E destas entidades quase heróicas, dos recursos públicos e privados que conseguem amearhar e do trabalho hercúleo de seus integrantes depende a História, cimento da coesão e da higidez nacionais.

Desta precariedade têm se aproveitado, sem reação, os manipuladores da nossa História. Mesmo jornalistas ciosos de sua função apresentam versões inadequadas e muitas vezes falsas dos episódios históricos, invadindo a função social do historiador, negando apoio à divulgação dos trabalhos de pesquisa histórica que possuem técnicas próprias de interpretação dos fatos, com apoio na análise de fontes primárias confiáveis, por serem íntegras, críticas e fidedignas. A Academia de História Militar Terrestre do Brasil, no seu

campo específico, vem atuando há 10 anos sem apoio financeiro do Estado e assim o substituindo na tarefa de pesquisar, preservar, cultivar e divulgar a História das Forças Terrestres Brasileiras, Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Polícias e Corpos de Bombeiros Militares, com o objetivo de retirar, da análise crítica do passado de cinco séculos de lutas destas forças, as lições para a formação de seus quadros na Arte e Ciência Militares e os subsídios para o desenvolvimento de doutrinas militares genuinamente brasileiras. E a História Militar Terrestre do Brasil tem muito a ensinar quando forem analisadas a suas lutas de resistência vitoriosas, ou guerra de guerrilhas, ou a estratégia usada na Guerra Brasileira que culminou com a expulsão dos holandeses no Nordeste em 1654; a Guerra Gaúcha, que expulsou o invasor espanhol do Rio Grande do Sul, em 1776; a Guerra da Selva, em que Pedro Teixeira expulsou invasores da Amazônia para depois conquistá-la; a centenária Guerra do Mato, em Alagoas, conduzida por ambos os contendores na Guerra dos Palmares e as levadas a efeito no Acre e Amapá sob a liderança de Plácido de Castro e o General Cabralzinho contra forças regulares alienígenas etc.

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil há 10 anos, num trabalho original e pioneiro, vem montando guarda e integrando as tradições das forças terrestres brasileiras, guardando documentos históricos, desenvolvendo arquivos e bibliotecas integradas e especializadas, reais e virtuais, publicando livros. Está representada no território nacional por delegacias em quase todas as unidades da Federação, acolhidas por unidades das forças terrestres, desenvolvendo instrumentos de trabalho para o historiador militar.

O Brasil não pode ser um país sem memória. Sem sua História, perderá sua coesão e sua identidade. Perderá seu poder e sua projeção estratégica. Deixará de ser o Brasil. ☉